

Ninguém dá as costas pra ninguém no Festival de Cinema Latino- Americano de São Paulo

Camila Moraes

Chega de dizer que o Brasil está de costas para o resto da América Latina – e vice-versa. Não que as pontes culturais latino-americanas gozem já de livre circulação, mas o panorama é inegavelmente melhor do que uns 10 anos atrás. Prova irrefutável disso é o Festival de Cinema Latino-Americano de São Paulo, que chega em 2014 à sua 9ª edição, mais jovem do que nunca – como mostra a programação recheada de filmes premiados em importantes festivais, títulos que ainda inéditos dentro e fora do país e convidados bem bacanas de escutar. Tudo em sintonia com o cinema brasileiro que, é óbvio (ou deveria ser), faz parte do caldeirão latino.

De 24 a 30 de julho, serão exibidos gratuitamente 114 filmes de 16 países da região em nove salas paulistas: Memorial da América Latina, Cinesesc, Cine Olido, Centro Cultural São Paulo, Cinemateca Brasileira, Cineclube Latino-Americano, Centro Cultural da Juventude e Centro Cultural da Penha. Para quem acompanha o evento desde seus primeiros anos, a sensação é que há uma maior representatividade das várias cinematografias latino-americanas, assim como um toque curatorial mais contemporâneo – que se estende, inclusive, aos homenageados da ocasião.

João Batista de Andrade, Felipe Macedo, Jurandir Müller e Francisco Cesar Filho formam o quarteto responsável pela seleção de títulos e demais. Eles prestaram atenção às prestigiosas vitrines de Cannes, Sundance, Veneza, Locarno e Roterdã e desses festivais trarão a São Paulo os argentinos “Refugiado”, de Diego Lerman, e “O chaveiro”, de Natália Smirnoff, o mexicano “Os insólitos peixes-gato”, da mexicana Claudia Sainte-Luce, e o chileno “As Irmãs Quispe”, de Sebastian Sepúlveda. Todos boas pedidas e de

cinematografias pulsantes. Mas não se esqueceram de dar espaço às novidades vindas de países cujos filmes poucas vezes encontraram tela no Brasil, como Costa Rica ("Princesas Vermelhas", de Laura Astorga Carrera), Guatemala ("Onde Nasce O Sol", de Elías Jiménez Trachtenberg), Panamá ("Caminho da Lua", de Juan Sebastián Jacome) e República Dominicana ("A Luta de Ana", de Bladimir Abud).

Esses são apenas destaques. O leque de escolhas é bem mais amplo, com filmes também da Venezuela ("Pelo malo"), da Colômbia ("La playa D.C."), do Equador ("A morte de Jaime Rodós"), do Peru ("Planta madre"), da Bolívia ("Conto sem fadas"), do Paraguai ("A leitura de Justino"), do Uruguai ("O militante") e de Cuba ("Hotel Nueva Isla"). Também vale a pena, especialmente para quem quer ficar em dia com a música e com os primórdios do cinema da América Latina as duas novas mostras da programação: Docs Musicais, com histórias de Mercedes Sosa, Violeta Parra e Café Tacvba, entre outros, e O Cinema Mudo Latino-Americano, apresentando oito títulos realizados entre as décadas de 1910 e 1930 na Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, México e Peru.

As homenagens são prova do ar "jovem" que se respira nesta edição, prestadas ao casal argentino Pablo Trapero, diretor, e Martina Gusmán, atriz e diretora – responsáveis por filmes muito premiados internacionalmente, como "Leonera", "Abutres" e "Elefante blanco"; à atriz brasileira Leandra Leal, presente não só nas telas da televisão nacional, como em filmes de sucesso, às vezes atuando ("Éden"), outras vezes produzindo ("O uivo da gata"); e ao documentarista Silvio Tandler, cujos docs são os que mais atraem espectadores do nosso cinema, com mais de 30 filmes no currículo (entre eles, "Jango", "Marighella – Retrato Falado do Guerrilheiro" e "Utopia e barbárie").

Não faltarão encontros, debates e inclusive um seminário inteiro (o Nuevas Ventanas) dedicado à integração dos conteúdos e também dos negócios entre os diferentes agentes que fazem parte do balaio do cinema latino-americano. Estarão presentes na cidade para esses papos a produtora

argentina Lita Stantic (responsável pela produção de filmes de Lucrecia Martel), o mexicano Jorge Sánchez (diretor do Imcine) e a cubana Irene Gutiérrez (cineasta e professora da Escuela Internacional de Cine de San Antonio de los Baños). E será entregue, como acontece todos os anos, um prêmio ao melhor filme entre aqueles coproduzidos dentro da América do Sul, outorgado pelo Itamaraty no valor de 90 mil reais. O júri que escolherá o vencedor é uma Torre de Babel (com um colombiano, uma mexicana, um cubano, uma argentina e um francês), o que é mais um sinal que os tempos de ignorar a vizinhança e o que está além estão acabando. Aproveitemos.

Fonte:

peramundi.uol.com.br/conteudo/cultura/37099/ninguem+da+as+costas+pra+ninguem+no+festival+de+cinema+latino-americano+de+sao+paulo.shtml